



ENTRE TÁBUAS, GOIABEIRAS (*PSIDIUM GUAJAVA*) E UNICÓRNIOS: A “VERDADE” EM
DISPUTA NO BRASIL DE BOLSONARO¹
BETWEEN TABLETS, GUAVA TREES (*PSIDIUM GUAJAVA*), AND UNICORNS: “TRUTH” IN
DISPUTE IN BOLSONARO’S BRAZIL
ENTRE TABLAS, GUAYABOS (*PSIDIUM GUAJAVA*) Y UNICORNIOS: LA “VERDAD” EN
DISPUTA EN EL BRASIL DE BOLSONARO

 Fábio Marques de Souza¹

 Silvia Garcia Nogueira²

1. Professor Doutor Associado na Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br
2. Professora Doutora Associada no Curso Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: silvianogueira@servidor.uepb.edu.br

ABSTRACT: This article offers a discursive analysis of the intersections between religion, politics, and language in the Bolsonaro administration, focusing on speeches delivered by Jair Bolsonaro, Ernesto Araújo, and Damare Alves during the early months of the government. Drawing on Dialogic Discourse Analysis (DDA), grounded in the work of the Bakhtin Circle, the study examines how Christian faith, notions of truth, and the affective interpellation of subjects are mobilized as strategies for political legitimization. Additionally, editorial cartoons from the same period are analyzed as responsive utterances that challenge and destabilize the official discourse through irony, humor, and carnivalization. By putting institutional discourses into dialogue with critical multimodal productions, this study highlights the symbolic disputes surrounding truth, secularism, and national identity in the context of bolsonarism.

Keywords: Political discourse; religion; bolsonarism; dialogic discourse analysis; editorial cartoons; truth; carnivalization.

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura discursiva das relações entre religião, política e linguagem no governo Bolsonaro, focalizando os enunciados proferidos por Jair Bolsonaro, Ernesto Araújo e Damare Alves durante o início da gestão. À luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nas reflexões do Círculo de Bakhtin, examinam-se os modos como a fé cristã, a noção de verdade e a convocação afetiva dos sujeitos são mobilizadas como estratégias de legitimação política. Além disso, analisa-se charges produzidas no mesmo período como enunciados responsivos que tensionam e desestabilizam a palavra oficial, operando com as forças do riso, da ironia e da carnavalização. Ao colocar em diálogo discursos institucionais e produções críticas multimodais, o estudo revela as disputas simbólicas em torno da verdade, da laicidade e da identidade nacional no contexto do bolsonarismo.

Palavras-chave: Discurso político; religião; bolsonarismo; análise dialógica do discurso; charges; verdade; carnavalização.

RESUMEN: Este artículo propone una lectura discursiva de las relaciones entre religión, política y lenguaje en el gobierno de Bolsonaro, centrándose en los enunciados proferidos por Jair Bolsonaro, Ernesto Araújo y Damare Alves durante el inicio de la gestión. A la luz del Análisis Dialógico del Discurso (ADD), fundamentado en las reflexiones del Círculo de Bakhtin, se examinan los modos en que la fe cristiana, la noción de verdad y la interpelación afectiva de los sujetos son movilizadas como estrategias de legitimación política. Además, se analizan caricaturas producidas en el mismo período como enunciados responsivos que tensionan y desestabilizan la palabra oficial, operando con las fuerzas de la risa, la ironía y la carnavalización. Al poner en diálogo discursos institucionales y producciones críticas multimodales, el estudio revela las disputas simbólicas en torno a la verdad, la laicidad y la identidad nacional en el contexto del bolsonarismo.

Palabras-clave: Discurso político; religión; bolsonarismo; análisis dialógico del discurso; caricaturas; verdad; carnavalización.

Recebido em: 28/04/2026

Aprovado em: 04/05/2026

¹ Informamos, em conformidade com as boas práticas editoriais, que uma versão parcial e adaptada do argumento desenvolvido neste artigo foi elaborada em língua inglesa e encontra-se em análise para publicação como capítulo de livro na coletânea *Art, Politics, and Nation in Twenty-First-Century Latin America*, com previsão de circulação impressa nos Estados Unidos. Ressalta-se, contudo, que o texto em português aqui apresentado é inédito, tendo sido desenvolvido a partir de uma base teórica comum, mas com variações no que diz respeito ao foco analítico, à organização textual, à seleção do *corpus* e à linha argumentativa. A presente versão visa, sobretudo, alcançar um público leitor ampliado, especialmente no Brasil, contribuindo para o fortalecimento do debate acadêmico em língua portuguesa e em espaços institucionais nacionais.



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

No início era o verbo

Este ensaio investiga as interações entre arte, política e religião no discurso político brasileiro durante o governo de Jair Bolsonaro (2019–2022), com ênfase nas representações dessas temáticas em charges² que circularam amplamente nas redes sociais. A análise se concentra no papel da cosmovisão religiosa cristã na construção do discurso político, examinando como essa visão de mundo foi mobilizada como recurso retórico para legitimar ações e diretrizes do governo.

Adota-se a Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin, para compreender a natureza interativa, responsiva e ideologicamente situada dos discursos. O ponto de partida é o discurso de posse do então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em janeiro de 2019, no qual se delineia uma proposta de política externa pautada em valores cristãos e em oposição ao que se entende como uma ordem globalista secular. A retórica religiosa é utilizada para construir uma narrativa de resgate civilizacional e de identidade nacional.

O discurso de Araújo dialoga com outras falas do governo, como o discurso de posse da Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, e diversas declarações do presidente Jair Bolsonaro. Em todos esses casos, observa-se a centralidade da cosmovisão cristã como elemento articulador de projetos políticos, sociais e econômicos. Charges produzidas nesse contexto operam como enunciados que respondem criticamente a esse discurso, ao mesmo tempo em que evidenciam os mecanismos ideológicos que o sustentam. A partir da ADD, argumenta-se que essas manifestações visuais não apenas criticam, mas também revelam a tensão entre diferentes vozes sociais em disputa, contribuindo para a compreensão da dinâmica discursiva da política brasileira contemporânea.

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) como princípio

Este estudo adota a Análise Dialógica do Discurso (ADD) como princípio filosófico, teórico e metodológico para investigar as interações entre arte, política e religião no discurso político brasileiro contemporâneo, com ênfase na análise de charges amplamente divulgadas em redes sociais durante o governo de Jair Bolsonaro (2019–2022). Fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2010, 2011, 2013, 2016; Volóchinov, 2017, 2019; Brait, 2006a, 2006b), a ADD compreende o discurso como uma prática social situada, orientada pela interação entre vozes sociais e marcada por tensões ideológicas e históricas.

Na ADD, o enunciado concreto é a unidade básica de análise, concebido como uma resposta a enunciados anteriores e uma antecipação de respostas futuras. Assim, o *corpus* selecionado, composto por charges de caráter político-religioso, é abordado como manifestação de sentidos produzidos em contextos específicos de produção, circulação e recepção. As charges, enquanto gêneros discursivos híbridos e multimodais, articulam linguagem verbal e visual, configurando-se como formas expressivas que

² Agradecemos aos chargistas Ricardo Welbert, Schröder e Zé Dassilva, que gentilmente autorizaram o uso de suas obras neste artigo. Estendemos um agradecimento especial à família do chargista Nani (*in memoriam*), cuja generosidade permitiu a utilização de suas charges, fundamentais para a análise aqui desenvolvida. Suas criações foram essenciais para iluminar, com crítica e humor, os caminhos do discurso político contemporâneo.

condensam e reconfiguram discursos sociais em disputa, especialmente em cenários de polarização ideológica.

A abordagem metodológica segue três eixos interdependentes, conforme propõem Destri e Marchezan (2021): descrição, análise e interpretação. A descrição envolve a contextualização sócio-histórica dos enunciados e a identificação das condições de sua emergência. A análise visa apreender as relações dialógicas e os fios ideológicos que atravessam os discursos, considerando elementos extralinguísticos e intertextuais. Por fim, a interpretação busca construir sentidos a partir da tensão entre a singularidade e a recorrência dos elementos discursivos, levando em conta a perspectiva avaliativa do pesquisador e sua inserção no processo interpretativo.

A escolha das charges como objeto de análise justifica-se por seu potencial de condensar críticas sociais e políticas em linguagem acessível e altamente significativa. Como textos visuais que interagem diretamente com o noticiário e com o imaginário coletivo, as charges se configuram como instrumentos de posicionamento ideológico, muitas vezes com forte teor humorístico, paródico e carnalizante. Essa característica as torna particularmente relevantes para a compreensão das formas como a cosmovisão religiosa cristã foi mobilizada para legitimar ações governamentais, construir identidades políticas e promover projetos de poder.

O messias, o diplomata e a líder religiosa

Esta seção explora a construção simbólica e discursiva do governo Bolsonaro a partir da análise dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro, Ernesto Araújo e Damares Alves, enfatizando a articulação entre religião, nacionalismo e identidade política. Examina-se como a retórica religiosa, fundamentada na oposição dicotômica entre bem e mal, verdade e falsidade, é mobilizada para legitimar um projeto político conservador, e como essa narrativa repercute em produções críticas do espaço midiático, como charges e memes. A partir da ADD, observa-se a emergência de um *ethos* messiânico e combativo, sustentado em apelos emocionais e religiosos, que tensiona a laicidade do Estado e redefine parâmetros de governabilidade democrática.

“Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”. Esse bordão, pronunciado ao final do discurso de posse do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro no Congresso Nacional, em 1.º de janeiro de 2019, ressoava como marca registrada de sua campanha eleitoral de 2018, sendo reiterado no discurso da vitória logo após o resultado das urnas. Conforme relata Almeida (2019), durante o pronunciamento da vitória, Bolsonaro convidou o senador, pastor e cantor gospel Magno Malta (PR-ES) a se manifestar. Malta, então, conduziu os presentes a uma oração evangélica pentecostal de mãos dadas, antecedida pela declaração: “Nós começamos essa jornada orando. E o mover de Deus... e ninguém vai explicar isso nunca: os tentáculos da esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus. Começamos orando e mais do que justo que agora oremos para agradecer a Deus”. Após a oração, o bordão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” foi novamente entoado em coro. Na sequência, o presidente eleito agradeceu a Deus e às equipes médicas pela sobrevivência à facada que sofrera em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 6 de setembro de 2018, evento que exigiu cirurgias na Santa Casa de Misericórdia local e no Hospital Albert Einstein, em São Paulo (Leia, 2019).

A retomada do bordão no discurso de posse presidencial não surpreendeu. Bolsonaro abriu seu pronunciamento com agradecimentos a Deus pela vida, referindo-se à sobrevivência como um “milagre” (MRE, 2019, s/p), e reafirmou que sua eleição respondeu “ao chamado das ruas”, forjando um compromisso: “colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” (MRE, 2019, s/p). A presença do

termo “Messias” em seu nome próprio adicionava uma dimensão simbólica à sua persona pública, reforçando uma retórica messiânica.

Esse bordão e sua carga simbólica foram alvo de diversas produções humorísticas, especialmente charges e memes de cunho crítico. Um exemplo expressivo é a charge de Ricardo Welbert³, intitulada “Deus capacita os escolhidos”, diz Bolsonaro”, publicada em 1.º de novembro de 2018 no portal *DiviNews* (Welbert, 2018⁴).

Imagem 01: “Deus capacita os escolhidos”, diz Bolsonaro”.

DEUS CAPACITA OS ESCOLHIDOS!!!



Ricardo Welbert

Fonte: Ricardo Welbert, *DiviNews*, 2018.

A análise dialógica dessa charge, a partir da teoria do Círculo de Bakhtin, revela a construção de uma relação polêmica entre enunciado e contrapalavra. Na cena, Bolsonaro, de braços erguidos, afirma com segurança: “Deus capacita os escolhidos”. Entretanto, em resposta, uma voz celestial replica: “Essa culpa eu não carrego!!!”. Tal contrapalavra instaura uma ruptura no pretense pacto sagrado evocado pelo político. Visualmente, entre as orelhas e os cabelos do então presidente eleito, aparecem formas incipientes que remetem a chifres, um signo visual que, em chave humorística e crítica, contrasta radicalmente com a sacralização pretendida no discurso, insinuando uma inversão simbólica da aura messiânica.

“Conhecereis a verdade”: fé, ideologia e diplomacia

³ Ricardo Welbert é jornalista multimídia com experiências em reportagem, redação e edição para impresso, rádio, TV, web, mercado editorial e marketing político. Chargista, cartunista e ilustrador.

⁴ Disponível em: <https://divinews.com/2018/11/01/charge-deus-capacita-os-escolhidos-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 10, jan. 2026.

O tom conferido por Bolsonaro à sua narrativa foi amplificado pelo discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em 2 de janeiro de 2019 (FUNAG, 2021, s/p). Após cumprimentar autoridades e familiares no Palácio do Itamaraty, Araújo citou uma passagem bíblica em latim e grego: “*Gnosesthe ten aletheian kai he aletheia eleutherosei humas*” (Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará). Para ele, essa máxima traduziria uma convicção “íntima e profunda” de Bolsonaro, a quem se referiu como “mito”, epíteto carinhoso, segundo o ministro, atribuído pelo “povo brasileiro” ao presidente.

Endereçando-se diretamente ao corpo diplomático, Araújo comprometeu-se, “se Deus quiser”, a enfrentar os desafios da instituição, evocando ainda duas ameaças civilizatórias: a *oikofobia* (ódio ao próprio lar) e a *teofobia* (ódio a Deus). De acordo com o ministro, “para destruir a humanidade é preciso acabar com as nações e afastar o homem de Deus, e é contra isso que nos insurgimos.” (FUNAG, 2021, s/p).

Essa convergência discursiva entre Bolsonaro e Araújo evidencia a mobilização de uma retórica religiosa no campo político e sua projeção simbólica na esfera pública, constituindo uma narrativa de identidade nacional baseada na interseção entre fé, patriotismo e combate a “inimigos” ideológicos, internos e externos.

A difusão de discursos para a sociedade tidos como verdadeiros é atravessada por desejos de poder, muitas vezes relacionados a projetos políticos específicos. Isso significa que a verdade não é um fato, mas um elemento constituído. Assim, construir um discurso de governabilidade alçado nessa pretensão de se conhecer a verdade implica em construir, discursivamente, um esquema representacional que tome esse discurso como o certo, coerente e justo. O encerramento do discurso do então Ministro Ernesto Araújo (2019) apela para a verdade como instrumento de libertação, via amor, é um exemplo disso:

A verdade liberta, mas para chegar à verdade é preciso conhecê-la. E não se trata aqui de um conhecimento racional, pois a verdade não pode ser ensinada, a verdade nesse sentido profundo não pode ser ensinada por dedução analítica. Gnosis é o conhecimento no sentido de uma experiência mais íntima. A verdade é essencial, mas não pode ser ensinada nem aprendida. Mas se é assim, como é que nós vamos conhecer a verdade, que é a chave disso tudo? Para explicar isso eu queria apelar a um brasileiro ilustre, Renato Russo, quando ele diz: “é só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade. [...] É só o amor que explica o Brasil. O amor, o amor e a coragem que do amor conduziram os nossos ancestrais a formarem esta nação imensa e complexa. [...] Foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram (Araújo, 2019, s.p.).

Com base no discurso de Araújo (2019), constatamos que existem três pontos básicos indicados pelo ministro: i) a verdade liberta; ii) essa verdade não é racional (por isso não pode ser ensinada analiticamente, sentimo-la intimamente); e iii) a verdade só é conhecida pelo amor. Desses três enunciados, pode-se estabelecer o evento social do governo Bolsonaro: em primeiro, o ministro conclama a todos para conhecerem a verdade. Enquanto orientação social mais ampla, ao decretar que o novo presidente inicia um governo que liberta porque é alicerçado na verdade, Araújo (2019) automaticamente se contrapõe de modo polêmico aos governos anteriores.

Ao decretar o amor como *modus operandi* da verdade a ser implementada pelo governo Bolsonaro, Araújo conclama que o povo brasileiro adquira uma forte afeição por tudo aquilo que será realizado, sem qualquer questionamento. A ideologia, desenvolvida por Araújo e constantemente afirmada por outros ministros, se baseia no discurso cristão, e cria uma realização exterior mais ampla, mais imediata, mas com certa delimitação de interação delimitada, pois induz o interlocutor a acreditar na “verdade” por meio de seu sentimento.

Essa mística da verdade inquestionável se ancora, também, na figura do “capitão”, que é frequentemente usada para se referir a Bolsonaro, podemos pensar nela como uma referência a sua carreira militar anterior. Para alguns, essa imagem de um líder militar forte e disciplinado pode ser atraente, especialmente em um país que enfrenta altos índices de criminalidade e violência.

A suplantação da lei pela crença é a mesma proposta apresentada por Araújo (2019) em seu discurso. A verdade posta (a Constituição) deve ser suplantada pela verdade trazida por Bolsonaro. Uma verdade que não se deduz nem se racionaliza, mas se sente por meio do amor incondicional (fé). Contudo, essa tentativa de Araújo em não contrapor a Constituição e o Cristianismo acontece para propor que as leis e o próprio Estado sejam partes de um todo maior, o discurso da crença, verdadeiro fundador da governabilidade de Bolsonaro.

Na mesma direção que o faz a ministra Damares, Araújo muda o sentido diretivo da lei brasileira, decretando que a pluralidade não é um caminho existente no governo Bolsonaro. Afinal, somente existem duas possibilidades segundo Araújo (2019, s.p.): a daqueles “que estão conosco e aos que ainda não estão conosco”. Se antes o Estado deveria agir com o máximo de neutralidade e igualdade possível com relação às mais diversas pautas, agora, neste governo de fé, o sentido diretivo não é mais a neutralidade, antes o engajamento cristão, mesmo que esse seja terrível.

O jogo linguístico performado por Araújo (2019) tem o intuito de afirmar que não há qualquer desvio de manutenção da democracia e dos direitos individuais e coletivos. A intenção seria a de realocá-los em novos sentidos apoiados em um “novo saber” instaurado pelo poder do governo que se inicia. A parte final do pronunciamento de Araújo é emblemática:

O Presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos. Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto do logos. Tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem temos de libertá-la. Que Deus abençoe a todos vocês, aos que creem e aos que não creem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco. Que Deus abençoe o Presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil. Anuê Jaci! Muito obrigado (Araújo, 2019, s.p.).

A leitura desse excerto reforça que com a chegada de Jair Bolsonaro à presidência por dizer “o que sente”, o Ministro incita que o princípio desse projeto político está no sentir, e não no dizer. E sentir é verdade, aquela que estava no início, ou seja, no *logos*.

Ao citar em grego o Evangelho de João, Araújo recorre a um dispositivo de autoridade que disfarça um vazio do projeto apresentado. Termos gregos, referências latinas, citações bíblicas e um desambientado tupi servem a Araújo (2019) para embelezar um discurso que se pretende verdadeiro, apoiado em um projeto vazio quanto à atuação governamental, mas repleto de vontade de verdade.

A charge de Nani⁵, publicada no blog *Nanihumor.com*⁶, compõe uma resposta crítica aos discursos e práticas ideológicas do então chanceler Ernesto Araújo, articulando humor, ironia e carnavalização para desestabilizar os sentidos pretendidos pelo enunciador oficial. À luz da ADD, compreende-se que essa charge constitui enunciado concretos que dialoga responsivamente, e de forma polêmica, com o discurso oficial do governo Bolsonaro.

Na charge *Jornal Surreal* (19 nov. 2018), um jornalista de aparência caricata, com bigodes que remetem ao pintor surrealista Salvador Dalí, noticia: “O futuro chanceler Ernesto Araújo disse que o aquecimento global é um plano marxista...”, para em seguida completar: “... e quem não acreditar vai levar uma chifrada do unicórnio dele”.

Imagem 02: Jornal Surreal.



Fonte: Blog NaniHumor.com (2018).

Essa charge recorre ao interdiscurso do surrealismo para sublinhar a dimensão absurda do enunciado oficial de Araújo, que interpretava fenômenos científicos, como o aquecimento global, sob uma lógica conspiratória de viés ideológico. O recurso ao unicórnio, figura fantástica, inexistente, intensifica a crítica à falta de base racional do discurso do chanceler, revelando a dissociação entre o campo científico e a narrativa conspiratória proposta pelo governo. No plano dialógico, a charge realiza uma operação de deslocamento de sentido, evidenciando o caráter fantasioso da lógica governamental e subvertendo a seriedade pretendida pelo enunciado original.

O humor, conforme a tradição carnavalesca analisada por Bakhtin (2013), opera como mecanismo de inversão e crítica social, permitindo a emergência de vozes dissidentes que questionam a autoridade, a verdade e a legitimidade dos discursos institucionais. A imagem instaura uma relação responsiva ativa com o discurso bolsonarista, promovendo uma contraposição polêmica que desconstrói a pretensão de univocidade e desvela os embates valorativos subjacentes ao cenário político brasileiro de então.

⁵ Ernani Diniz Lucas, Nani (1951–2021), Mineiro de Esmeraldas, desenhou o Brasil com olhos afiados e sorriso irônico. Migrou para o Rio de Janeiro para traçar uma das mais longas e inquietas carreiras do humor gráfico e escrito no país. Seu traço correu páginas do *Jornal do Brasil*, *Pasquim*, *Jornal dos Sports*, *Tribuna da Imprensa*, *MAD*, *Playboy*, entre tantas outras trincheiras do riso inteligente. Na televisão, escreveu o riso para multidões em programas como *Chico Anysio Show*, *Sai de Baixo*, *Escolinha do Professor Raimundo* e *Zorra Total*. Como autor, explorou também a fantasia e o mistério em livros infantis, romances policiais e peças teatrais. Nani foi daqueles artistas que atravessam gêneros e gerações com o mesmo lápis: ora cortante, ora afetuoso, sempre necessário. Seu humor permanece irreverente, corrosivo, vivo.

⁶ Disponível em: <http://www.nanihumor.com/search/label/Ernesto%20Ara%C3%BAjo>. Acesso em: 10, jan. 2026.

A formulação da Política Externa Brasileira (PEB) no governo Bolsonaro, refletida no discurso do ministro Ernesto Araújo, rompe com diretrizes que haviam caracterizado os períodos anteriores. Em vez de promover a convergência de setores econômicos estratégicos para o interesse nacional, a orientação adotada privilegiou um processo de desnacionalização, alinhando-se aos interesses do capital internacional. O discurso de posse do ministro intensifica uma mentalidade conservadora que, segundo o próprio Araújo, estaria enraizada na formação histórica do Estado brasileiro.

Araújo personifica uma tendência que demanda maior investigação no contexto do *Itamaraty*: a predominância de um corpo diplomático composto, majoritariamente, por homens cisgêneros, heterossexuais, brancos e oriundos da elite econômica do Brasil. Esse perfil contrasta com a diversidade social e cultural do país, evidenciando um legado colonial que, na contemporaneidade, assume uma feição neoliberal conservadora. (Souza; Melo; Nogueira, 2023).

As bases do pensamento diplomático brasileiro, incluindo as referências ideológicas de Ernesto Araújo, remontam ao Segundo Reinado e ao século XIX. Guardadas as diferenças de tempo e espaço, o discurso de Araújo (2019) atualiza um conservadorismo extremo, que supostamente se justifica pela necessidade de “assegurar a unidade nacional” (Ricupero, 2017). Essa perspectiva, entretanto, sustenta uma política de exclusão e silenciamento das vozes que desafiam a hegemonia desse projeto.

No discurso do ministro, observa-se um esforço em romantizar figuras históricas e símbolos do passado colonial brasileiro, como exemplificado no seguinte trecho:

Eu me lembro desse momento muito marcadamente e eu percebi: olha, isso aqui não é simplesmente uma repartição pública, isso aqui é uma espécie de um santuário. É uma espécie de túnel do tempo, onde os heróis estão vivos, os heróis famosos e os heróis anônimos, onde nós convivemos com os descobridores (Araújo, 2019, s.p., grifo nosso).

Essa retórica idealiza um passado excludente e promove uma ruptura com os princípios de equidade e inclusão social. A glorificação de “tradições” e “heróis nacionais” consolida um projeto político que negligencia a diversidade e os interesses de setores historicamente marginalizados. Cabe ressaltar que a construção de narrativas políticas como essa, com características míticas, é uma estratégia discursiva que aponta para aquilo que pode ser considerado como o propósito de um mito. Este, segundo Lévi-Strauss (1987 [1978]; 2008 [1958]), serve como um modelo lógico para a solução de contradições e sempre se refere a eventos passados (muitas vezes sobre a origem do mundo) mas também a tempos presentes e futuros, formando uma estrutura permanente relacionada a um pensamento conceitual cuja essência pode ser encontrada na história contada.

O vínculo estreito entre política e religião, explícito nos discursos do presidente e de seus ministros, reflete a construção de uma ideologia voltada para os interesses de setores conservadores que desempenharam um papel central na vitória eleitoral de 2018. Embora não constituam a totalidade dos apoiadores de Bolsonaro, esses grupos foram cruciais para articular um discurso que apelasse às massas em um contexto de crescente deslegitimação das instituições democráticas pela mídia e pela opinião pública.

A narrativa construída mobiliza a população por meio da exploração de questões religiosas, políticas e sociais, apresentando-se como uma alternativa às insatisfações vigentes. Essa estratégia utiliza a simplificação e a polarização como ferramentas para consolidar apoio e fortalecer sua base política.

No entanto, a instrumentalização da religião na política acarreta riscos para a democracia, pois restringe a pluralidade de perspectivas e valores em uma sociedade diversa. Ao reduzir questões complexas a dicotomias simplistas e explorar sentimentos religiosos para fins políticos, o discurso compromete o debate fundamentado e o diálogo democrático, dificultando a busca por soluções equilibradas para os desafios sociais e políticos do país.

O consolador na goiabeira

A pastora evangélica Damares Alves, nomeada Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo Bolsonaro, em seu discurso de posse rememorou sua atuação como líder religiosa de alguns parlamentares e proferiu uma frase que rapidamente repercutiu na imprensa nacional e nas redes sociais: “[o] Estado é laico, mas eu sou terrivelmente cristã” (Borges, 2018). Ainda em sua fala, relatou que sua crença pessoal fora alvo de chacotas e motivo de riso, tanto nas redes sociais quanto em interações presenciais, inclusive entre intelectuais, parlamentares e líderes partidários.

Damares Alves também fez menção a episódios de abuso que sofreu e comentou que, apesar das dores, encontrava conforto espiritual: “não por mim, tenho meu consolador, e queiram vocês ou não, ele sobe no pé de goiaba” (Youtube, 2019). Essa afirmação, aparentemente desconexa, remete a uma narrativa que a ministra compartilhara em um congresso evangélico: aos dez anos de idade, teria presenciado Jesus Cristo subindo em uma goiabeira, uma árvore muito comum no Brasil, fato que, segundo ela, atestaria o poder divino de superar as limitações físicas (Poder 360, 2018).

Imagem 03: Jesus e a Goiabeira.



Fonte: Jornal Grifo (2019).

A charge de Schröder⁷ atualiza e ironiza a fala de Damares Alves, que declarou ter visto Jesus subindo em uma goiabeira. Na cena, um homem, possivelmente representando um teólogo, educador ou

⁷ Celso Augusto Schröder (1953–) é mais do que um traço afiado: é verbo, linha e resistência. Ex-chargista do jornal *Correio do Povo*, também atuou como professor de Jornalismo na PUC-RS, sem nunca se afastar da luta pela liberdade de expressão e pelos direitos da categoria. Presidiu o Sindjors, a Fenaj e a Fepalc, além de ter sido vice-presidente da FIJ. Hoje, edita o jornal *Grifo*, onde a crítica segue viva, e seu humor gráfico continua sendo uma forma de insurgência poética contra o autoritarismo e a desmemória. Schröder desenha com tinta e com coragem e cada charge sua é uma fresta de lucidez em tempos turvos.

figura eclesiástica tradicional, aponta para um quadro onde aparecem duas imagens: uma cruz e uma árvore. Ele diz, em tom exasperado: “De uma vez por todas, irmã: Jesus desceu da cruz e não subiu na goiabeira.”¹ Diante dele, sentada, uma mulher com roupas nas cores da bandeira do Brasil (remetendo ao bolsonarismo) ouve a repreensão.

Sob a perspectiva da ADD, essa charge constitui um enunciado polêmico que responde criticamente à apropriação de elementos religiosos na esfera pública e midiática. A enunciação visual reforça uma disputa de sentidos em torno da figura de Jesus, confrontando a narrativa pessoal e fabulativa de Damares com a doutrina cristã tradicional. O recurso ao humor, à ironia e à carnavalização permite desestabilizar a autoridade do discurso religioso oficializado, desvelando suas fragilidades argumentativas e seus potenciais usos ideológicos.

O gesto de apontar para a cruz, contrastando com a figura da goiabeira, evidencia uma operação simbólica que contrapõe a centralidade do sacrifício redentor cristão à alegoria da revelação mística subjetiva. Assim, a charge tensiona o modo como a fé é instrumentalizada politicamente e questiona os limites entre experiência pessoal e políticas públicas, reiterando o caráter polifônico e contestável da verdade quando ela é mobilizada como justificativa de governo.

A imersão nos pronunciamentos dessas três autoridades: Bolsonaro, Ernesto Araújo e Damares Alves, que simbolizam o estreitamento entre Estado e religião no governo Bolsonaro, permite a identificação de alguns eixos temáticos fundamentais: (1) a (não) laicidade do Estado; (2) a concepção de verdade; (3) a necessidade do amor como princípio estruturante; e (4) o desejo de liberdade. Essas ideias, recorrentemente evocadas nos discursos, articulam-se de maneira interdependente ou em relações de causalidade.

No que concerne ao primeiro eixo, a laicidade estatal, Souza (2019) e Souza *et al* (2024) argumentam que compreender o Estado brasileiro como laico implica reconhecer a necessária separação entre as ações governamentais e as manifestações ideológicas e religiosas. Para os autores, é essa neutralidade que assegura a pluralidade de crenças e valores, elemento essencial para a vitalidade democrática e para a proteção dos direitos individuais e coletivos. Nesse sentido, Fischmann (2012) argumenta que o caráter laico do Estado é o que possibilita a convivência da diversidade e da pluralidade humanas no espaço público e na ordem social. Para a autora, a laicidade garante a cada indivíduo não apenas a liberdade de escolher crer ou não crer, mas também a possibilidade de se associar, ou não, a instituições religiosas específicas, preservando, assim, sua condição plena de cidadania e favorecendo a construção da igualdade.

Assim, o tensionamento entre discurso religioso e esfera pública no governo Bolsonaro não apenas desafia os princípios constitucionais da laicidade, mas também redesenha as fronteiras entre o privado e o político, afetando diretamente a configuração democrática do Estado brasileiro.

A palavra “verdade” aparece de forma recorrente nos discursos presidenciais de Jair Bolsonaro, destacando-se como um dos pilares retóricos de sua comunicação política. Em diversos momentos, a expressão bíblica “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João, 8,32) foi mobilizada como *slogan* de campanha e símbolo da narrativa que associava sua eleição à realização de um “milagre divino”, em referência à sua sobrevivência ao atentado sofrido durante o período eleitoral.

Ainda que o enunciado “verdade” figure exaustivamente nos discursos do cronotopo bolsonarista, essa “verdade” assume contornos paradoxais quando confrontada com ações concretas do governo, como o uso da Lei de Acesso à Informação para impor sigilo de cem anos a documentos relacionados ao próprio

presidente, entre eles, sua carteira de vacinação⁸. Tal contradição é incisivamente criticada em uma charge de Zé Dassilva⁹, publicada em 18 de abril de 2022, na qual Bolsonaro é representado em alusão à figura bíblica de Moisés, segurando tábuas da lei e proclamando: “Conhecereis a Verdade, mas só daqui a 100 anos”.

Imagem 04: Conhecereis a verdade.



Fonte: Portal NSC Total (2022).

A imagem, publicada em 18 de abril de 2022¹⁰, tem forte apelo simbólico e ironia mordaz, subverte a autoridade profética tradicionalmente associada à figura de Moisés. Ao evocar a célebre passagem bíblica “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8,32), também utilizada no discurso de posse do chanceler Ernesto Araújo como expressão do ideário cristão do governo¹¹, a charge tensiona o descompasso entre o discurso de transparência e a prática do sigilo. Nesse contexto, a verdade, longe de libertar, é adiada, ocultada sob a legalidade institucional, transformando-se em um bem inacessível à cidadania no presente.

⁸ O ex-presidente Bolsonaro assumiu diversas vezes publicamente não ter se vacinado contra a Covid-19, mas depois apresentou uma carteira de vacinação falsa, o que é objeto de um processo na justiça brasileira, conforme G1 (2023); Carta Capital (2023); Poder360 (2025).

⁹ Zé Dassilva é chargista, roteirista e jornalista brasileiro. Atua como chargista do *Diário Catarinense* desde 1998. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 2000, onde passou a trabalhar como roteirista na TV Globo, colaborando com programas como *Sai de Baixo*, *Casseta & Planeta* e a novela *Império*, vencedora do Emmy Internacional. É autor dos livros *Histórias que a Bola Esqueceu* e *The Yellow Book*. Em 2021, recebeu o *Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, na categoria Arte, por sua charge crítica às motocicletas de Jair Bolsonaro.

¹⁰ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dassilva-conhecereis-a-verdade>. Acesso em: 10, jan., 2026.

¹¹ No discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, a citação da passagem bíblica “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (em grego: *Gnosethe ten aletheian kai he aletheia eleutherosei humas*) reforça essa estratégia discursiva. Ao associar a “verdade” à libertação, Araújo amplia a retórica presidencial: segundo ele, Bolsonaro libertaria o Brasil e, por extensão, o *Itamaraty*, por meio da adesão à verdadeira fé, amalgamando religião e política em um mesmo projeto de salvação nacional.

Ao fundo da cena, uma multidão com celulares e bandeiras do Brasil aplaude a figura presidencial, compondo a imagem de uma audiência devota e não questionadora. Essa representação reforça o *ethos* messiânico cultivado por Bolsonaro ao longo de seu mandato, fundado em uma retórica que mistura elementos religiosos e políticos. A charge, portanto, dialoga criticamente com essa lógica, sugerindo que a retórica da fé e da verdade foi mobilizada não para iluminar ou esclarecer, mas para encobrir e controlar, conferindo uma aparência de sacralidade a práticas de opacidade institucional.

Segundo Piovezani e Gentile (2020, p. 231-232), a obsessão pela “verdade” no discurso bolsonarista manifesta-se de forma particularmente intensa no juramento: “Faço de vocês minhas testemunhas de que esse governo será um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade. Isso é uma promessa; não de um partido. Não é a palavra vã de homem. É um juramento a Deus.”. Para os autores, o excesso de garantias, a promessa, a negação da “palavra vã” e o juramento solene a Deus, longe de consolidar a confiança, denuncia uma carência de credibilidade, pois o excesso, muitas vezes, é sintoma da falta.

Em consonância com Almeida (2019), um governo deve necessariamente refletir o projeto político das forças e dos cidadãos que o elegeram. Caso contrário, incorre-se em fraude eleitoral. Bolsonaro, atento a essa lógica, organizou seus ministérios de forma alinhada às ideologias e expectativas de sua base eleitoral, como se observa na frequente presença de citações religiosas nos discursos de posse de seus ministros.

Relações dialógicas nos discursos governamentais

O que os discursos de Bolsonaro, Damares e Araújo revelam é a perspectiva adotada para conduzir o cenário político brasileiro interno e externo. Há um expressivo movimento polifônico construído por meio da conjunção, mas que explicita a normatividade do novo governo.

Em termos polifônicos, Damares (Youtube, 2019) usa uma voz autorizada (a igreja e a fé) para conseguir a credibilidade ao que enuncia. Apesar disso, a Constituição ainda é um conjunto de leis e ordens que serve de guia para a nação brasileira até o momento, cabendo ao ministro “comprovar” que existe uma verdade anterior a esta Lei soberana em vigor. Desse modo, a expectativa criada por Damares em sua fala se consolida em Araújo (2019), quando este, no interior do seu próprio enunciado, faz habitar outras vozes. A consequência imediata do uso desse tipo de enunciado promove a isenção quanto à responsabilidade do enunciado. Isto é, Araújo (2019) profere um discurso que evita críticas imediatas ou sua nulidade.

Há, portanto, relações dialógicas entre os enunciados concretos proferidos por Damares e Araújo, em seus discursos de posse. Há um propósito ideologicamente marcado e demarcado de um projeto político ditatorial que fere a Constituição Brasileira. Em particular, eles defendem uma visão conservadora e reacionária que muitas vezes entra em conflito com os direitos humanos e as liberdades individuais.

No caso da Ministra Damares Alves, ao longo do seu mandato, se destacou por suas posições conservadoras em relação a questões como aborto, diversidade de gênero e direitos das minorias. Em seus enunciados, ela frequentemente utiliza um discurso religioso e moralista para justificar suas posições políticas. Por exemplo, em uma entrevista em 2019, ela afirmou que “o Brasil vai se levantar como uma nação cristã e conservadora” e que é preciso “combater a ideologia de gênero, que é uma ideologia maligna” (Henrique, 2019, s.p.).

No que se refere ao Ministro Ernesto Araújo, enquanto esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores (MRE), ele tem sido criticado por suas posições antiglobalização e antiambientalismo, e por sua defesa do regime militar no Brasil (1964-1985). Em seus enunciados, frequentemente utiliza um discurso nacionalista e conspiratório para justificar suas posições políticas, proferindo ser a globalização uma

religião globalista e que o comunismo tem se infiltrando em todas as esferas da vida (Souza, Melo e Nogueira, 2023).

Em relação às relações dialógicas entre os enunciados dos ministros, é possível identificar algumas conexões. Por exemplo, ambos compartilham uma visão de que há uma conspiração globalista para minar os valores tradicionais e a soberania nacional. Além disso, ambos também compartilham uma retórica de combate aos “inimigos” ideológicos, que muitas vezes são representados por grupos marginalizados ou dissidentes políticos.

Mensagem de encerramento

A análise desenvolvida neste estudo evidenciou que religião, política e linguagem se entrelaçam de forma indissociável na produção simbólica do governo Bolsonaro, especialmente a partir dos discursos de Jair Bolsonaro, Ernesto Araújo e Damarens Alves. Seus enunciados, marcados por referências bíblicas, afetivas e ideológicas, não apenas buscaram legitimar um projeto de poder, mas também instauraram um regime discursivo específico, no qual a noção de “verdade” é deslocada do campo da argumentação racional para o domínio da fé, do sentir e da adesão subjetiva.

Ao colocar esses discursos em diálogo com charges e outras formas de produção crítica multimodal, foi possível evidenciar que a palavra oficial não se sustenta de modo isolado ou absoluto. Ao contrário, ela é constantemente interpelada por contrapalavras que, por meio do humor, da ironia e da carnavalização, tensionam, desestabilizam e reconfiguram os sentidos pretendidos. Nesse movimento, a linguagem revela-se como um espaço de disputa, no qual diferentes vozes sociais, portadoras de valores, memórias e projetos de mundo, se confrontam e se atravessam.

É nesse horizonte que a noção bakhtiniana de “grande tempo” se mostra particularmente fecunda para a compreensão do fenômeno analisado. Os discursos aqui examinados não se esgotam no contexto imediato do governo Bolsonaro (2019–2022), mas se inscrevem em cadeias históricas mais amplas de enunciação, nas quais se atualizam embates recorrentes entre laicidade e religiosidade, razão e fé, pluralidade e univocidade, democracia e autoritarismo. As vozes que hoje disputam o sentido da “verdade” são herdeiras de outras vozes que, em diferentes momentos históricos, buscaram instituir regimes de verdade e formas de organização social.

Sob essa perspectiva, o bolsonarismo pode ser compreendido não apenas como um fenômeno político conjuntural, mas como um acontecimento discursivo que reativa e reconfigura matrizes ideológicas de longa duração, projetando-as no presente e tensionando seus desdobramentos futuros. A invocação de uma verdade absoluta, ancorada em fundamentos religiosos, inscreve-se em uma tradição que busca estabilizar sentidos e reduzir a polissemia constitutiva da linguagem. No entanto, como demonstram as charges analisadas, essa tentativa de fixação é sempre provisória, pois o signo permanece aberto à disputa, à reinterpretação e à resistência.

Nesse sentido, a análise dialógica do discurso permite compreender que o embate em torno da verdade não é apenas semântico ou retórico, mas profundamente político e ético. Trata-se de uma disputa pela legitimidade de dizer, de interpretar e de representar o mundo: uma disputa que envolve relações de poder e que se manifesta na circulação social dos enunciados. A linguagem, longe de ser um meio transparente, é o próprio terreno onde se travam essas lutas, e onde se delineiam os contornos da vida democrática.

Entre a cruz, a goiabeira, o unicórnio e as tábuas da lei, os enunciados analisados neste estudo revelam não apenas a tentativa de sacralização da política, mas também a potência da crítica que emerge

nas frestas do discurso oficial. O riso, nesse contexto, não é mero ornamento, mas gesto político que reinscreve o enunciado no fluxo vivo do diálogo social, abrindo-o à pluralidade de vozes que o constituem.

Assim, ao situar os discursos do bolsonarismo no “grande tempo”, este estudo reafirma que nenhum projeto de verdade se sustenta fora da história, nem escapa à interlocução com outras vozes. É precisamente na tensão entre essas vozes, no conflito, na negociação e na abertura ao outro, que reside a possibilidade de produção de sentidos mais críticos, plurais e democráticos. Em tempos de verdades proclamadas como absolutas, a escuta responsiva, a análise rigorosa e a circulação de contrapalavras tornam-se, mais do que nunca, práticas fundamentais de resistência e de reexistência no espaço público.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Deus acima de todos. In: SPEKTOR, M. *et al.* (org.) **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 35-51.

ALVES, Damares. *Cerimônia de transmissão de cargo à Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves*. Youtube (02/01/2019). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Qz_tS6zofg. Acesso em: 20 mar. 2025.

ARAÚJO, Ernesto. **Transcrição do discurso do Embaixador Ernesto Araújo na cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores**, em Brasília, 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15q_TwFebmE1sNk1vhGSgeVeQFrILE_Ij/view?usp=sharing>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2013.

BÍBLIA, **Evangelho segundo João**, 8,32. In: BÍBLIA SAGRADA.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. “Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise”. **Gragoatá**, Niterói-RJ, n. 20, jan./jun. 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 30 mar. 2022.

_____. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 2006b.

BORGES, André. **Futura ministra, Damares Alves afirma que viu Jesus ‘subir em pé de goiaba’**. Poder360, 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/futura-ministra-damares-alves-afirma-que-viu-jesus-subir-pe-de-goiaba/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro diz para aliados que não se vacinou e cogita abrir processo contra ministro da CGU**. 2023. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-para-aliados-que-nao-se-vacinou-e-cogita-em-abrir-processo-contraministro-da-cgu/>. Acesso em: 04 fevereiro 2025

DESTRI, Alana, MARCHEZAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 12 fev. 2023.

FISCHMANN, Roseli. **Estado laico, educação, tolerância e cidadania**. São Paulo: Factash Editora, 2012.

FUNAG – FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. **Discurso de Ernesto Araújo**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funag>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FUTURA ministra, Damares Alves afirma que viu Jesus ‘subir em pé de goiaba’,. **Poder 360**. 2018. (edição 12 de dez. 2018). Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/futura-ministra-damares-alves-afirma-que-viu-jesus-subir-pe-de-goiaba/>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

G1. POLÍTICA. **Sigilo de 100 anos**: veja quem criou e como funciona. 3 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/11/03/sigilo-de-100-anos-veja-quem-criou-e-como-funciona.ghtml>. Acesso em: 1 dez. 2024.

_____. **CGU diz que cartão de Bolsonaro tem registro de vacina contra Covid e apura se dado é real**. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/02/17/ministro-da-cgu-diz-que-ha-registro-de-vacina-contr-a-covid-no-cartao-de-bolsonaro-orgao-investiga-se-dado-e-real.ghtml>. Acesso em: 04 fevereiro 2025

HENRIQUE, Lucas. **O conservadorismo de Damares Alves**. 2019. Disponível em: <https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=O+conservadorismo+de+Damaras+Alves+%2B+Lucas+Henrique+%2B+2019&type=E210BR105G0#id=3&vid=bd94348144a4ef164cb7e6aa7839caef&action=view>. Acesso em: 10 março 2025.

LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml#:~:text=Hoje%2C%20aqui%20estou%2C%20fortalecido%2C,Governar%20com%20vo%20C3%AA%20>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Original de 1958).

_____. **Mitológicas**. São Paulo: Cosac Naify, 1987 (Original de 1978).

MRE – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional**. Brasília, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas>. Acesso em: 8 nov. 2022.

PETROCCHI, Ana.; TEIXEIRA, Nísio. “O papel do ciclo de sentido charges > memes > charges na pandemia e na infodemia: uma proposição metodológica”. In: MELO, F. R.; NOGUEIRA, S. G.; FERREIRA, T. S. H. (org.). **Mídia, opinião pública e política internacional**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2022. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/produto/midia-opiniao-publica-e-politica-internacional/>. Acesso em: 10 mar 2023.

PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil: 1750–2016**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

SOUZA, Fábio Marques; MELO, Filipe Reis, NOGUEIRA, Silvia Garcia. **Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/1444444658/e_Book_Discurso_da_Pol%C3%ADtica_Externa_Brasileira_em_tempos_de_Bolsonaro_e_Ara%C3%BAjo?sm=b&rhid=39618047771. Acesso em: 5 fev. 2025.

_____.; MELO, Filipe Reis; NOGUEIRA, Silvia Garcia. O Globalismo e a religião no discurso do Ministro das Relações Exteriores do Brasil em 2019. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2023. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/729>. Acesso em: 5 fev. 2024.

_____; _____; SILVA, Flávio José Souza, NOGUEIRA, Silvia Garcia. Deus acima de todos e a verdade libertadora: discursos políticos no cronotopo de 2019. **Espirales - Revista para a Integração da América Latina e Caribe**, v. 8, p. 354-376, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2282886.8.1-18>. Acesso em: 10 dez. 2024.

VOLOCHINOV, Valentin. **Discurso na vida e discurso na arte**: contribuições ao estudo da poética. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2019.

WELBERT, Ricardo. “Deus capacita os escolhidos”, diz Bolsonaro”. **DiviNews**, 1 de nov. 2018. Disponível em: <https://divinews.com/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

YOUTUBE. **Cerimônia de transmissão de cargo à Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Qz_tS6zofg. Acesso em: 22 nov. 2024.